

ELIZABETH HOYT

A LENDA DOS QUATRO SOLDADOS

As Garras do Desejo

LIVRO TRÊS

Tradução de
Carolina Simmer

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

Prólogo

Era uma vez, muito, muito tempo atrás, um soldado que caminhava de volta para casa, atravessando as montanhas de uma terra estrangeira. O trajeto era íngreme e cheio de pedras, ladeado por árvores retorcidas e escuras, e um vento frio açoitava suas bochechas. Mas o soldado não hesitava em sua marcha. Ele já tinha visto lugares mais assustadores e estranhos que aquele, e havia poucas coisas no mundo que ainda lhe causavam medo.

Nosso soldado lutou com extrema bravura em sua guerra, mas muitos soldados também o fizeram. Velhos, jovens, bem-apegoados ou azarados, todos os guerreiros se esforçam para enfrentar a batalha da melhor maneira possível. É mais frequente que a sorte determine quem sobrevive e quem morre do que a justiça. Então, no que dizia respeito à sua coragem, à sua honra, ao seu valor, talvez nosso soldado não fosse melhor do que milhares de seus companheiros. Mas havia um aspecto em que era muito diferente. Ele era incapaz de mentir.

E, por causa disso, o chamavam de Contador de Verdades...

— Contador de Verdades

Capítulo Um

A escuridão começava a cair quando o Contador de Verdades chegou ao cume da montanha e avistou um castelo magnífico, preto como piche...

— Contador de Verdades

ESCÓCIA

JULHO, 1765

Quando a carruagem sacolejou ao fazer uma curva, tornando o castelo decrépito visível sob a luz fraca do entardecer, Helen Fitzwilliam finalmente — e mais tarde do que deveria — percebeu que talvez tivesse cometido um erro terrível ao embarcar naquela jornada.

— Chegamos? — Jamie, seu filho de cinco anos, estava ajoelhado sobre a almofada bolorenta do assento do veículo, espiando pela janela. — Achei que a gente ia para um castelo.

— Mas aquilo é um castelo, seu bobo — respondeu a filha dela de nove anos, Abigail. — Não está vendo a torre?

— Só porque tem uma torre, não significa que é um castelo — rebateu o menino, franzindo o cenho ao olhar para a construção suspeita. — Não tem fosso. Se aquilo for *mesmo* um castelo, não é dos melhores.

— Crianças — disse Helen num tom ríspido demais, o que era compreensível. *Fazia* quase duas semanas que os três estavam enfiados em carruagens apertadas. — Não briguem, por favor.

Naturalmente, seus filhos fingiram não ouvir.

— É cor-de-rosa. — Jamie tinha pressionado o nariz contra a janelinha, embaçando o vidro com sua respiração. Ele se virou e fez cara feia para a irmã. — Você acha que um castelo de verdade seria cor-de-rosa?

Helen se controlou para não soltar um longo suspiro, esfregando a têmpora direita. Fazia algumas horas que sentia uma enxaqueca se aproximando, e era possível que a dor viesse com tudo no pior momento. Ela não tinha pensado bem sobre aquele plano. Na verdade, ela nunca foi boa em pensar muito sobre as coisas como deveria, não é? A impulsividade — decisões tomadas no calor do momento e arrependimentos que levavam muito tempo para serem esquecidos — era a característica mais marcante na sua vida. E era por isso que, aos trinta e um anos, ela se via atravessando um país estrangeiro, pronta para jogar seus filhos e a si mesma à mercê de um desconhecido.

Como era tola!

Uma tola que precisava pensar bem na história que contaria, pois a carruagem já estava parando diante das imponentes portas de madeira.

— Crianças! — chiou ela.

Diante daquele tom, os dois rostinhos viraram rápido em sua direção. Os olhos castanhos de Jamie estavam arregalados, enquanto Abigail exibia medo no cenho franzido. A filha era observadora demais para uma menininha; tinha uma sensibilidade excessiva ao humor dos adultos.

Helen respirou fundo e se forçou a sorrir.

— Vai ser uma aventura, meus queridos, mas lembrem-se do que eu disse antes. — Ela olhou para Jamie. — Qual é o nosso sobrenome?

— Halifax — respondeu o menino na mesma hora. — Mas eu ainda sou Jamie, e Abigail ainda é Abigail.

— Sim, querido.

Essa parte foi decidida ao saírem de Londres, quando ficou óbvio que Jamie teria dificuldade em *não* chamar a irmã pelo nome verdadeiro. Helen exalou. Teria de torcer para o nome de batismo das crianças ser comum o suficiente para que eles não fossem descobertos.

— Nós morávamos em Londres — disse Abigail, parecendo com-
penetrada.

— Essa parte vai ser fácil de lembrar — murmurou Jamie —, porque
a gente morava *mesmo*.

A menina lançou um olhar crítico para o irmão e continuou:

— Mamãe trabalhava na casa da viscondessa-mãe Vale.

— E nosso pai morreu, mas está vivo... — Os olhos de Jamie se
arregalaram, aflito.

— Não entendo por que temos que dizer que ele morreu — mur-
murou Abigail no silêncio que se seguiu.

— Porque ele não pode nos encontrar, meu bem. — Helen engoliu
em seco e se inclinou para dar um tapinha no joelho da filha. — Está
tudo bem. Se nós conseguirmos...

A porta da carruagem foi escancarada, e a carranca do cocheiro os
encarou.

— Vocês não vão sair? Parece que vai chover, e pretendo estar são
e salvo na estalagem quando isso acontecer, certo?

— É claro. — Helen assentiu para o homem, que sem dúvida foi o
condutor mais rabugento que encontraram naquela viagem deplorável.

— Pegue nossas malas, por favor.

O cocheiro soltou uma risada desdenhosa.

— Já fiz isso.

— Venham, crianças.

Ela torceu para não estar corando diante daquele homem horroroso.
A verdade era que eles só tinham duas malas de pano — uma de Helen e
a outra das crianças. O cocheiro provavelmente achava que essa família
estava arruinada. Mas, de certa forma, ele estava certo, não estava?

Helen afastou aquele pensamento triste. Agora não era o momento
para desanimar. Ela precisava estar totalmente focada para ser o mais
persuasiva possível e ter sucesso.

Quando saíram da carruagem alugada, ela deu uma olhada ao redor.
O antigo castelo se agigantava adiante, inabalável e silencioso. A cons-

trução principal era um retângulo atarracado feito de pedras gastas em um tom pálido de cor-de-rosa. Nos cantos superiores, torres circulares altas se projetavam das paredes. Diante do castelo havia uma espécie de caminho que um dia fora pavimentado com pedras, mas agora se mostrava desnivelado, cheio de ervas daninhas e lama. Algumas árvores o ladeavam, lutando contra o vento cada vez mais intenso. No fundo, montanhas pretas se estendiam pelo horizonte que escurecia.

— Tudo certo? — O cocheiro subia para seu assento, não se dando nem ao trabalho de olhar para trás. — Já vou.

— Pelo menos deixe um lampião! — gritou Helen, mas o barulho do veículo se afastando abafou sua voz.

Horrorizada, ela ficou olhando a carruagem desaparecer.

— Está escuro — observou Jamie, olhando para o castelo.

— Mamãe, não tem nenhuma luz acesa — disse Abigail.

A menina parecia assustada, e Helen também sentiu uma onda de receio. Ainda não tinha notado a falta de iluminação. E se não tivesse ninguém em casa? O que fariam?

Um problema de cada vez. Ela era a adulta ali. Uma mãe devia transmitir segurança para seus filhos.

Helen ergueu o queixo e sorriu para Abigail.

— Talvez elas estejam acesas nos fundos, e não conseguimos ver daqui.

A menina não pareceu muito convencida com isso, mas, obediente, concordou com a cabeça. Helen pegou as malas e seguiu para os degraus de pedra baixos que levavam às enormes portas de madeira. Elas eram cercadas por um portal gótico, quase enegrecidas pelo tempo, e as dobradiças e os trincos eram de ferro — bem medieval. Helen ergueu a aldrava de ferro e bateu.

O som ecoou desesperadamente pelo interior do castelo.

Ela permaneceu encarando a porta, se recusando a acreditar que ninguém atenderia. O vento fazia com que suas saias girassem em um redemoinho. Jamie arrastou as botas no chão de pedra, e Abigail emitiu um sussurro quase inaudível.

Helen umedeceu os lábios.

— Talvez não estejam nos escutando por estarem na torre.

Ela bateu de novo.

Já estava completamente escuro. O sol tinha desaparecido e levado consigo o calor do dia. Era pleno verão e fazia bastante calor em Londres, mas a jornada da família para o norte mostrou que as noites da Escócia podiam ser bem frias, independentemente da estação. Um raio lampejou no horizonte. Que lugar ermo! Era difícil entender por que alguém escolheria morar ali.

— Ninguém vai atender — disse Abigail, quando um trovão ressoou ao longe. — Acho que não tem ninguém em casa.

Helen engoliu em seco enquanto pingos de chuva caíam em seu rosto. O último vilarejo por onde passaram ficava a quase vinte quilômetros. Ela precisava encontrar abrigo para seus filhos. Abigail tinha razão. Não havia ninguém ali. Ela os tinha conduzido a um caminho sem saída.

Mais uma vez, ela tinha fracassado com eles.

Os lábios de Helen tremeram diante desse pensamento. *Não desmone na frente das crianças.*

— Talvez exista um estábulo ou outra construção no... — começou ela, quando uma das enormes portas de madeira se escancarou, surpreendendo-a.

Helen deu um passo para trás, quase caindo da escada. Primeiro, o vão parecia assustadoramente escuro, como se certa mão fantasmagórica tivesse aberto a porta. Mas, então, algo se moveu, e um vulto se tornou visível. Era um homem alto, esbelto e muito, muito intimidador. Ele segurava uma única vela, cuja luz era insuficiente. Ao seu lado havia uma fera gigante de quatro patas, grande demais para ser de qualquer raça de cachorro que ela conhecesse.

— O que vocês querem? — perguntou o homem com rispidez, sua voz tão baixa e rouca que parecia nunca ter sido usada, ou talvez utilizada demais. O sotaque era sofisticado, mas seu tom não era nada hospitaleiro.

Helen abriu a boca, lutando para encontrar as palavras. Ele era completamente diferente do que imaginou. Deus do céu, o que era aquele monstro ao seu lado?

Foi então que um relâmpago atravessou o céu, próximo e incrivelmente forte. O homem e seu animal foram iluminados por ele como se estivessem em um palco. A fera era alta, cinza, esguia, com olhos pretos brilhantes. Seu dono era ainda pior. O cabelo preto e escorrido caía emaranhado sobre seus ombros. Ele usava uma calça velha, perneiras e um casaco grosso, digno de ser jogado no lixo. Um lado do seu rosto com barba por fazer era retorcido por cicatrizes vermelhas e feias. Um único olho castanho-claro refletia o relâmpago, diabólico.

E a parte mais horripilante era o buraco fundo no lugar em que seu olho esquerdo deveria estar.

Abigail gritou.

ELAS SEMPRE GRITAVAM.

Sir Alistair Munroe fechou a cara para a mulher com os filhos em sua escada. Atrás deles, a chuva subitamente desabou numa cascata, fazendo as crianças se apertarem contra as saias da mãe. Crianças, especialmente as menores, quase sempre gritavam e fugiam dele. Às vezes, até mulheres adultas faziam isso. No ano anterior mesmo, uma jovem bastante dramática desmaiou ao vê-lo, em plena High Street de Edimburgo.

Alistair quis dar um tabefe naquela tola.

Em vez disso, fugiu como um rato doente, erguendo a capa e baixando seu chapéu para tentar esconder o máximo possível o lado mutilado do rosto. Aquela reação era esperada em cidades e vilarejos. Era por isso que ele evitava frequentar lugares tumultuados. Mas não imaginava que uma menina fosse gritar na porta de sua casa.

— Pare com isso — rosnou ele, e a menina fechou a matraca.

Havia duas crianças, um menino e uma menina. O menino parecia um passarinho de penugem castanha, que podia ter qualquer idade entre

três e oito anos. Alistair era incapaz de avaliar esse tipo de coisa, já que evitava crianças sempre que podia. A menina era mais velha. Pálida e loura, encarava-o com olhos azuis que pareciam grandes demais em seu rosto magro. Talvez fosse uma deficiência de sua linhagem — era comum que tais anomalias indicassem deficiências mentais.

Os olhos da mãe eram da mesma cor, notou ele quando, depois de certa relutância, finalmente se dignou a encará-la. Ela era linda. É claro. Uma beldade estonteante tinha de aparecer na sua porta durante uma tempestade. Seus olhos tinham a cor exata de campânulas recém-desabrochadas, seu cabelo era de um louro brilhante e seus seios eram tão magníficos que qualquer homem acharia excitante, até mesmo um recluso como ele. Afinal de contas, aquela era a reação natural de um macho a uma fêmea de capacidade reprodutora óbvia, independentemente do quanto a sensação o incomodasse.

— O que vocês querem? — repetiu ele para a mulher.

Talvez a família inteira sofresse de alguma deficiência mental, porque os três continuaram encarando-o, mudos. O olhar da mulher estava vidrado no buraco no rosto dele. Claro. Alistair tirou o tapa-olho de novo — aquela porcaria era um estorvo —, e seu rosto com certeza inspiraria pesadelos a ela naquela noite.

Alistair respirou pesadamente. Ele estava prestes a se sentar para comer seu jantar de mingau e salsichas fervidas quando ouviu as batidas. Por pior que fosse sua refeição, ela ficaria ainda menos apetitosa se esfriasse.

— A mansão Carlyle fica a uns três quilômetros daqui, naquela direção.

Ele indicou com a cabeça o oeste. Os três com certeza eram visitantes perdidos de seu vizinho. Então fechou a porta.

Ou melhor, tentou fechar a porta.

A mulher enfiou o pé na fresta, impedindo-o. Por um instante, Alistair cogitou bater a porta no pé dela, mas um resquício de civilidade se fez presente, impedindo-o. Ele a encarou, estreitando o olho e esperando por uma explicação.

O queixo da mulher se empinou no ar.

— Sou sua governanta.

Definitivamente era um caso de problemas mentais. Talvez resultado do excesso de procriação entre as mesmas famílias aristocratas, já que, apesar de sua lerdeza mental, tanto ela quanto as crianças usavam roupas sofisticadas.

O que só tornava sua declaração ainda mais absurda.

Ele suspirou.

— Eu não tenho governanta. Acredite, senhora, a mansão Carlyle fica logo depois da colina...

A mulher teve a audácia de interrompê-lo.

— Não, o senhor não entendeu. Sou sua *nova* governanta.

— Eu repito. Não. Tenho. Governanta. — Alistair falou devagar, para que o cérebro confuso daquela mulher pudesse entender as palavras.

— Nem pretendo ter. Não...

— Este não é o castelo Greaves?

— Sim.

— E o senhor é Sir Alistair Munroe?

Ele fez uma careta.

— Sim, mas...

A mulher tinha deixado de encará-lo. Em vez disso, se agachou para revirar uma das malas aos seus pés. Alistair a observou, irritado, perplexo e levemente excitado, já que a posição lhe dava uma visão espetacular do que havia por baixo do corpete do vestido. Se ele fosse um homem religioso, acreditaria que testemunhava uma aparição.

Ela emitiu um som satisfeito e voltou a se empertigar, abrindo um sorriso glorioso.

— Aqui está. É uma carta da viscondessa Vale. Ela me enviou para ser sua governanta.

A mulher lhe entregou um pedaço de papel amassado.

Alistair encarou a folha por um instante antes de tirá-la de sua mão. Ergueu a vela para iluminar os garranchos. Ao seu lado, Lady Grey, sua

lebréu escocesa, deixou claro que desistiu de jantar salsichas. Com um suspiro pesado, ela se deitou sobre as lajotas do hall de entrada.

Alistair terminou de ler a carta ao som da chuva caindo pesadamente no quintal. Então ergueu o olhar. Ele só encontrara Lady Vale uma vez na vida. Ela e o marido, Jasper Renshaw, o visconde Vale, tinham visitado o castelo sem terem sido convidados havia pouco mais de um mês. Na época, não teve a impressão de que a viscondessa fosse uma mulher intrometida, mas a carta lhe informava que ele tinha uma nova governanta. Que loucura. O que a esposa de Vale achou que estava fazendo? Por outro lado, era quase impossível compreender o funcionamento da mente feminina. Ele teria de mandar a governanta excessivamente bonita e de roupas excessivamente caras embora quando amanhecesse, junto com sua prole. Infelizmente, os três eram, no mínimo, protegidos de Lady Vale, e não seria de bom-tom expulsá-los dali no meio da noite.

Alistair fitou os olhos azuis da mulher.

— Como é mesmo seu nome?

Ela corou, tão bonita quanto o sol nascendo sobre um campo primaveril.

— Eu ainda não disse. Meu nome é Helen Halifax. *Sra.* Halifax. Nós estamos ficando bem molhados aqui fora, sabe?

Um canto da boca de Alistair se ergueu diante do tom ríspido do comentário. A mulher não tinha qualquer deficiência mental, afinal.

— Pois bem. Melhor entrar com seus filhos, *Sra.* Halifax.

O SORRISINHO NO canto da boca de Sir Alistair surpreendeu Helen. Ele chamou sua atenção para a mandíbula larga e firme, elegante e masculina. O sorriso o revelava como um homem, e não o monstro grotesco que ela pensou a princípio.

Seu sorriso, porém, desapareceu, é claro, assim que ele percebeu que era observado. No mesmo instante, seu rosto tomou um ar pético e levemente cínico.

— A senhora vai continuar se molhando se não entrar logo.

— Obrigada. — Helen engoliu em seco e seguiu para o hall escuro.
— É muita *bondade* da sua parte nos convidar, Sir Alistair.

Ele deu de ombros e saiu andando.

— É o que a senhora pensa.

Que homem mal-educado! Nem se ofereceu para carregar as malas. É claro, a maioria dos cavalheiros não carrega os pertences de suas governantas. Mesmo assim, teria sido uma gentileza pelo menos se oferecer.

Helen segurou as malas, uma em cada mão.

— Venham, crianças.

Os três precisaram andar rápido, quase correr, para acompanhar Sir Alistair e o que parecia ser a única fonte de luz do castelo — sua vela. A cadela gigante seguia ao lado dele, esguia, escura e alta. Na verdade, era bem parecida com o dono. Passaram por um salão e entraram em um corredor mal iluminado. A vela oscilava adiante, lançando sombras assustadoras contra as paredes encardidas e contra os tetos altos, cheios de teias de aranha. Jamie e Abigail seguiam-na de perto, um de cada lado. Jamie estava tão cansado que simplesmente se arrastava, mas Abigail olhava de um lado para o outro, curiosa, enquanto andava rápido.

— Mas que lugar sujo, né? — sussurrou a menina.

Sir Alistair se virou ao mesmo tempo, e, a princípio, Helen achou que ele ouviu o comentário.

— Já comeram?

Ele tinha parado tão de repente que Helen quase pisou em seus pés. Ela parou perto demais dele. Teve de levantar a cabeça para encontrar seus olhos, e, com a vela na altura do peito dele, a luz dava um ar diabólico ao seu rosto.

— Tomamos chá na hospedaria, mas... — começou Helen, ofegante.

— Ótimo — disse ele, voltando a lhe dar as costas. E, enquanto fazia uma curva no corredor e desaparecia de vista, concluiu: — Podem dormir em um dos quartos de hóspedes. Amanhã, vou chamar uma carruagem para levá-los de volta a Londres.

Helen pegou as malas e correu para alcançá-lo.

— Mas eu realmente não...

O homem subia uma escada de pedra estreita.

— A senhora não precisa se preocupar com os custos.

Por um instante, Helen ficou parada ao pé da escada, encarando as costas firmes que se afastavam em um ritmo apressado. Infelizmente, a luz também estava indo embora.

— Rápido, mamãe — chamou Abigail.

Como uma boa irmã mais velha, ela já segurava a mão de Jamie e o puxava pelos degraus.

O homem desagradável parou no patamar.

— Não vai subir, Sra. Halifax?

— Sim, Sir Alistair — respondeu Helen com os dentes cerrados. — Mas creio que o senhor deveria pelo menos *experimentar* a sugestão de Lady Vale sobre contratar uma...

— Não preciso de uma governanta — disse ele, ríspido, e continuou a subir a escada.

— Acho difícil de acreditar — insistiu Helen, arfando —, pelo que notei até agora do estado do castelo.

— Ainda assim, prefiro minha casa do jeito que está.

Helen estreitou os olhos. Ela se recusava a acreditar que qualquer pessoa, mesmo aquele homem grosseiro, realmente *gostasse* de sujeira.

— Lady Vale foi muito específica quando me orientou a...

— Lady Vale se enganou sobre meu desejo de contratar uma governanta.

Eles haviam chegado ao topo da escada, e Sir Alistair parou para abrir uma porta estreita. Então entrou no quarto e acendeu uma vela.

Helen o observou do corredor. E esperou até que ele voltasse para encará-lo, determinada.

— Pode até ser que o senhor não *queira* uma governanta, mas parece bem óbvio que *precisa* de uma.

O canto da boca dele se ergueu de novo.

— Pode argumentar o quanto quiser, senhora, mas isso não muda o fato de que não preciso nem quero sua presença aqui.

Sir Alistair indicou o quarto com uma das mãos. As crianças entraram correndo. Como ele não se deu ao trabalho de sair da frente da porta, Helen foi obrigada a entrar de lado, quase roçando os seios contra seu peito.

Enquanto passava, ela ergueu o olhar.

— Já aviso que estou determinada a fazê-lo mudar de ideia, Sir Alistair.

O homem inclinou a cabeça, e seu olho brilhou à luz da vela.

— Boa noite, Sra. Halifax.

E fechou a porta suavemente atrás de si.

Helen encarou a porta fechada por um instante, depois olhou ao redor. O quarto era grande e entulhado. Cortinas compridas horrorosas cobriam uma das paredes, e uma cama enorme com pilares grossos e adornados dominava o ambiente. Em um canto, via-se uma única lareira pequena. Sombras ocultavam o outro lado do cômodo, mas a silhueta dos móveis amontoados passava a impressão de que o lugar era usado como depósito. Abigail e Jamie já tinham desabado sobre a cama enorme. Duas semanas atrás, Helen nem cogitaria deixar que os dois chegassem perto de algo tão empoeirado.

Porém, duas semanas atrás, ela ainda era amante do duque de Lister.